

PIONEIROS DE GOVERNADOR VALADARES E AS MULTITERRITORIALIDADES LGBTQIAPN+: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA MIDIÁTICA TRADICIONAL

Edmarcius Carvalho Novaes
*Professor do Programa de Mestrado em Gestão Integrada
do Território (GIT) Universidade Vale do Rio Doce -
UNIVALE. Graduando em Psicologia pela UNIVALE.*
E-mail: edmarcius.novaes@univale.br

Suely Maria Rodrigues
*Professora do Programa de Mestrado em Gestão
Integrada do Território (GIT)
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE*
E-mail: suely.rodrigues@univale.br

Deborah Luisa Vieira dos Santos
*Professora do Núcleo de Comunicação e Humanidades -
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE*
E-mail: deborah.santos@univale.br

Gabriel da Cruz Ventura
*Estudante no Programa de Mestrado em Gestão Integrada
do Território (GIT) - Universidade Vale do Rio Doce -
UNIVALE - Bolsa CAPES*
E-mail: gabriel.ventura@univale.br

Resumo

O estudo analisa como a narrativa midiática tradicional de Governador Valadares constrói e reforça uma memória oficial centrada nos chamados “pioneiros”, majoritariamente homens brancos ligados ao poder econômico, militar, religioso e agrário. A partir de documentos históricos, notícias impressas e do “Memorial dos Pioneiros” inaugurado em 2024, evidencia-se uma narrativa seletiva que invisibiliza trabalhadores, povos indígenas Krenak, populações de origem popular e as multiterritorialidades LGBTQIAPN+. As reportagens e homenagens públicas destacam feitos individuais e discursos de progresso, omitindo contribuições coletivas e silenciando grupos dissidentes de gênero, sexo e sexualidade. A pesquisa documental evidencia como a mídia tradicional atua como território simbólico, produzindo significados, legitimando hierarquias sociais e contribuindo para a manutenção do conservadorismo local. Ao problematizar tais práticas, o estudo aponta a necessidade de leituras contra-hegemônicas que reconheçam a diversidade de sujeitos que constituem o território valadarense.

Palavras-chave: Pioneiros de Governador Valadares, Multiterritorialidades, LGBTQIAPN+

Abstract

This study analyzes how traditional media narratives in Governador Valadares construct and reinforce an official memory centered on the so-called “pioneers,” mostly white men associated with economic, military, religious, and agrarian power. Drawing on historical documents, printed news, and the “Pioneers Memorial” inaugurated in 2024, the research reveals a selective narrative that erases Indigenous Krenak peoples, rural workers, individuals of popular origin, and LGBTQIAPN+ multiterritorialities. Journalistic portrayals and public commemorations emphasize individual achievements and discourses of progress while silencing collective contributions and dissenting gender and sexual identities. The documentary analysis demonstrates how traditional

media function as symbolic territories that produce meanings, legitimize social hierarchies, and sustain conservative structures in the city. By questioning these practices, the study underscores the need for counter-hegemonic perspectives that recognize the diversity of subjects who shape the territory of Governador Valadares.

Keywords: Pioneers of Governador Valadares, Multiterritorialities, LGBTQIAPN.

Introdução:

A história da cidade de Governador Valadares é marcada por diferentes fases de desenvolvimento econômico e social. Fundada em 1938, está localizada no leste de Minas Gerais, na região do Vale do Rio Doce. Por volta dos anos de 1940 e 1960, considerada jovem e em crescimento, demonstrou ter forte potencial econômico, e por isso recebe o título popular de “Princesa do Vale” pela classe média da época e grupos denominados de “pioneiros” (Siqueira, 2017; Novaes, 2022).

Na era de ascensão da cidade, se destacava como representante da prosperidade econômica os imigrantes e grupos fundadores, uma vez que a riqueza provinha das atividades de exploração da madeira, minerais e latifundiários da pecuária (Oliveira, 2023; Espindola, 2022). Como de praxe no Brasil, Governador Valadares vivencia a dualidade de aspectos considerados modernos e coloniais, marcados pela violência de disputa de terras, o trânsito de empresários, comerciantes e pecuaristas, além da tendência de internacionalização devido à presença de norte-americanos (Siqueira, 2017; Espindola; Novaes, 2022).

O cenário político de Governador Valadares é delimitado em termos de gênero e sexualidade, sobretudo, ao observar que o patriarcado agrário e construções cisheteronormativas nos espaços que constituem o panorama de instituição da cidade (Butler, 2018; Oliveira, 2023). Este ponto histórico é importante para entender o contexto social que contribui para os padrões sociais e conservadorismo da época, com reprodução nos dias atuais, sobretudo, ao levar em consideração a história aberta e não triunfalista. Trata-se de uma cidade marcada historicamente pela valorização de conflitos armados, e em que figuras militares ganham notoriedade e prestígio social, considerados importantes para a civilidade da região (Silva, 2006; Benjamim, 2020; Novaes, 2022; Oliveira, 2023).

A figura do pioneiro e o pioneirismo constituem-se elementos centrais da narrativa sobre a ocupação de territórios brasileiros, principalmente ao observar os discursos carregados de ideologias históricas e de peso político e social. O conceito de pioneirismo pode ganhar diferentes nuances. De modo simplificado, refere-se ao discurso político e histórico que dá notoriedade a fatos e pessoas. A partir desse conceito, é possível problematizar a formação da memória coletiva e das identidades culturais, pois possui funções carregadas de representações que podem incluir e excluir aspectos importantes, principalmente sobre a formação social e política de uma cidade (Cordeiro, 2018).

Dessa maneira, o problema de pesquisa deste estudo consiste em analisar como se configura o tradicionalismo presente nessa narrativa, especialmente aquele reforçado pelo Memorial dos Pioneiros, inaugurado em Governador Valadares em dezembro de 2024, e amplificado pela mídia tradicional local.

A relevância deste estudo reside na escassez de investigações que articulem a narrativa pioneira local às multiterritorialidades vivenciadas pela

população dissidente de gênero, sexo e sexualidade. Compreende-se, ainda, que as memórias individuais e coletivas constituem ferramentas essenciais para a valorização desses grupos e para o enfrentamento de sua recorrente invisibilização nas narrativas oficiais da história da cidade. Trata-se, portanto, de uma problemática que merece ser debatida tanto no âmbito acadêmico quanto para além dele.

Este trabalho está estruturado, na apresentação inicial, bem como contextualização, seguida da revisão de literatura e considerações finais.

Fundamentação teórica:

Os sistemas normativos de gênero, sexo e sexualidade: Governador Valadares em questão

A cisheteronormatividade é a ordem complexa que integra a cisgeneridade e a heteronormatividade como padrões únicos e universais de identidade de gênero, sexualidade e desejo. A primeira trata-se do conjunto de normas que criam as ordens de gênero, ao mesmo tempo que naturaliza e legitima a cisgeneridade pela imposição do gênero atribuído a partir da genitália no nascimento. A transgeneridade, nesse sentido, é subjugada e colocada como o desvio. A segunda ordem, refere-se a regulação compulsória da sexualidade pela concordância das categorias de sexo, desejo e prática sexual, impondo a heterossexualidade como única forma de ser/estar a relação afetiva/sexual (Butler, 2018; Almeida; Santos, 2024).

O gênero, sexo e sexualidade são construídos e performados socialmente pela constituição discursiva a partir da perspectiva restrita biológica. Dessa forma, a justificativa de ordens “naturais”, “verdadeiros”, “normais”, “ideais”, ao mesmo tempo que estigmatiza, marginaliza e desumaniza as formas que não estão dentro destas normas construídas. Essas temáticas não se apresentam de maneira neutra em diversos campos sociais, pois o gênero é colocado de maneira determinista e positivista, sem considerar os aspectos sociais, psicológicos e ambientais que permeiam o tema. No entanto, trata-se de um campo aberto, uma vez que também é cultural, e a medida que ela modifica, o gênero precisa ser deliberado. Isso envolve a liberdade de ser e viver. Essa liberdade inclui a livre declaração do sujeito em se identificar como homem ou mulher, não se enquadrar nessa construção binária (Butler, 2024; Ventura; Novaes; Rodrigues, 2025).

De acordo com Butler (2018) o falocentrismo reflete uma sociedade de heteronormatividade compulsória e enfatizada pela latente concepção da binaridade do gênero, sendo homem e mulher. Nessa perspectiva, essa categorização é perpassada por relações de poder que se expressam por meio da linguagem, ao mesmo tempo que assume um caráter político. Em outras palavras, torna-se alguém, quando este é caracterizado facilmente pelo sexo biológico, portanto, fazendo parte do sistema jurídico atual. Assim como a identidade, a autora critica o gênero como algo acabado, dado com início, meio e fim. Ela o entende como processo de performatividade contínua em que ocorre a regulação das identidades que não se enquadram na binaridade posta.

Influenciada pela perspectiva da Jacques Derrida sobre o conceito do binarismo significante e significado, Butler (2018) propõe que o conceito de identidade seja subversivo para que de fato os corpos dissidentes de gênero e

sexualidade, também oprimidos por isso, passam viver de maneira mais livre, sem uma essência puramente binária, masculina e feminina muito presente na ontologia da ciência estruturalista. Ademais, o gênero passa ser algo da contingência e do processo contextual, como algo de convergência de pontos históricos e culturais.

Na obra “Quem tem medo do gênero”, Butler (2024) destaca o fortalecimento de grupos conservadores ao redor do mundo que atacam os estudos de gênero, tanto em meio acadêmico, como mecanismo de negar políticas que visam ambientes menos preconceitos à pessoas que não se enquadram nos padrões rígidos de gênero. Além disso, a filósofa destaca que a grupos políticos conservadores colocaram a temática como uma verdadeira caça às bruxas, como modo de colocar pesquisadores e estudiosos do gênero como causadores da desordem natural concebida pela autoridade divina do cristianismo. Baleiro (2018) aponta sobre a utilização da categoria de gênero como pânico moral com o objetivo de subverter os avanços dos direitos sexuais e reprodutivos, por meio de estratégias discursivas nos meios de comunicação, parlamentos políticos, redes sociais e espaços acadêmicos.

O cenário político de Governador Valadares é delimitado por questões de gênero. O discurso antigênero, principalmente a partir de termos como “ideologia de gênero” mobiliza os grupos conservadores locais que transformam o tema em barreira moral contra os avanços políticos e direitos humanos, principalmente às pautas consideradas progressistas na esfera política. De acordo com Oliveira (2023), a cultura conservadora da cidade tem bases históricas relacionadas à colonialidade do gênero e do sistema de patriarcalismo colonial. Essa configuração se manifesta pelas influências das religiões cristãs (católicas e protestantes), do coronelismo e do fortalecimento de grupos latifundiários que juntos propiciam um ambiente construído pelo medo e a censura de pessoas dissidentes de gênero, sexo e sexualidade.

Diante da conjuntura conservadora da cidade, o pânico moral de grupos reacionários aponta para uma distorção dos estudos de gênero e dissimulam como esta “ideologia” deve ser combatida. Essa estratégia é utilizada para impedir avanços locais da população LGBTQIAPN+ e ao movimento feminista, com destaque para o discurso que se apresenta como defensor das infâncias, do modelo familiar patriarcal e heterossexual (Novaes, 2022; Oliveira, 2023). De acordo com Oliveira (2023) são escassas as manifestações públicas de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ e os locais de manifestação são perseguidos.

A mídia na formação da memória

A mídia tradicional não apenas reflete a realidade social, mas ela também a produz. Ela cumpre o papel de produção cultural contemporânea na construção das identidades e na disputa política-ideológica. Logo, ela se torna o cenário simbólico em que se constitui e travam as lutas por significados, representações e poder. Nesse sentido, a mídia deve ser tida como um fenômeno além de um instrumento comunicativo, pois molda os desejos, valores, percepções do mundo, ao desempenhar um papel ideológico que normatiza determinados padrões sociais ao mesmo tempo em que exclui outros tidos como dissidentes (Kellner, 2001; Honneth, 2009; Hall, 2016).

Além disso, ela é entendida como a reunião de meios convencionais, caracterizados pela transmissão de maneira unidirecional e com produção

centralizada. De outra maneira, o conceito se amplia para as instituições que fazem uso dos recursos tecnológicos para mediação comunicacional a partir de conteúdos padronizados. Assim, os meios convencionais de comunicação concentram capital simbólico, econômico, político e cultural, moldando valores do público e reafirmando hierarquias sociais. Mesmo com os veículos digitais, os meios de comunicação tradicionais continuam sendo fontes de informação de confiabilidade e credibilidade, principalmente para o público que valoriza rigor e padrões jornalísticos (Thompson, 2018; Guazina, 2007).

A mídia constitui-se como ferramenta fundamental na construção de memórias, principalmente aquelas construídas por grupos sociais. No entanto, é preciso cautela ao se observar quais os meios de comunicação de fato contribuem para isto, tendo em vista que as mídias sociais digitais possuem um fluxo de informação no espaço-tempo rápidas e efêmeras, mas que, de certo modo, concorrem com os meios tradicionais na construção da memória. Para Babos (2018), mídia tradicional funciona como modo de seleção, tratativa e difusão de fatos marcantes:

Por seu lado, as mídias noticiosas tradicionais (imprensa escrita, rádio e televisão) atuam como dispositivos de seleção, configuração narrativa e difusão dos acontecimentos, enquanto entidades temporais inseridas em narrativas. Sendo conhecido o poder da narrativa na estruturação do tempo e da experiência, pode dizer-se que, a par da configuração narrativa dos acontecimentos, a seleção pela mídia do que se entende marcar o presente e o passado constitui um mecanismo de construção da memória social. Desse modo, a prática jornalística do relato dos acontecimentos pode ser entendida como uma atividade que dá a conhecer, confere sentido e é uma prática de memória, porque retém e registra, e a retenção e reprodução auxiliam a lembrança ou a recordação. Nessa medida, os media "fazem história", entrando no terreno da historiografia, e "fazem memória", participando e intervindo no processo de construção da memória coletiva (Babos, 2018, p. 79).

Nessa noção, o jornalismo se empenha em registrar os acontecimentos do presente, o historiador do passado. A mídia contribui para o registro que permite ao historiador encontrar meios que o permita visitar o passado. O complexo trabalho de sistematização do conteúdo antes dele se tornar público auxiliará que este seja objeto de apropriação pública. Para Menezes (2012), os meios de comunicação possuem o agenciamento dos significados e produzem narrativas históricas. Isso devido à reflexão de um passado fora do campo da história e se expressa por uma redação específica, bem como a incorporação de elementos da própria historiografia tradicional. Portanto, a autora defende que a mídia produz um sistema de se fazer história fora do campo do conhecimento, tanto em narrativas do cotidiano, como os profissionais de comunicação propõem uma reflexão sobre o passado produzido na profissão.

A fronteira entre mídia, memória e história apresentam-se de forma mais reduzida e propõe ao mesmo tempo reflexão sobre as suas tensões. A operação "midiográfica" compõe elementos fundadores, com as suas diferenças. Os meios de comunicação acabam por atuar como campo de experiências, ao mesmo tempo que interpretam e configuram a partir de diferentes fluxos de sentido. A temporalidade apresenta-se como meio articulador por meio de dois momentos fundamentais na redação jornalística: a escrita do acontecimento de modo imediato e inclusão do momento memorável na redação. Portanto, os meios de

comunicação trabalham de modo que os acontecimento sejam memoráveis.

Território e as multiterritorialidades das dissidências de gênero, sexo e sexualidade

A multiterritorialidade refere-se à uma vivência simultânea da multiplicidade de territórios e territorialidades e eles são compreendidos como internamente diversos. As múltiplas formas de se viver e conceber os territórios e as territorialidades apresentam-se como um paradigma contra-hegemônico nas relações conflituosas dos espaços vividos. Por outro lado, observar o conceito à comunidade LGBTQIAPN+, nota-se que ela própria se configura como múltiplos territórios, seja pela diversidade de contextos, construções e performances, seja pelas vivências que a compõem e, simultaneamente, atribuem sentido aos espaços habitado, principalmente a cidade do leste Minas (Haesbaert, 2021; Novaes, 2022).

Nesse cenário geográfico, o território ocupa um papel estratégico fundamental, operando como uma categoria concreta de força “de baixo para cima”, ou seja, como expressão das resistências de grupos socialmente subalternizados. A colonialidade do poder, sustentada por lógicas eurocêntricas, manifesta-se historicamente pelo domínio político, pela exploração econômica dos recursos naturais, pela opressão cultural e pela expropriação das condições de vida. Assim, as construções espaciais orientadas por essa racionalidade eurocêntrica impõe hierarquias e divisões, abrindo um campo epistêmico que exige a descolonização do espaço-tempo concebido (Haesbaert, 2021).

O território é concebido como o espaço geográfico em que acontecem as relações de poder. Dessa forma, enquanto instrumento de resistência, o território na América Latina configura-se como uma estratégia de luta pela sobrevivência, pelos direitos, pela autonomia e, em última instância, pela própria vida dos grupos subalternizados (Haesbaert, 2021). Para o autor, o espaço possui um potencial político fundamental, uma vez que não é neutro: ele é produzido, representado, disputado e regulado. Por isso, constitui o campo central tanto do exercício quanto da contestação do poder. Na condição de produtor de poder, o espaço é organizado por meio de planos diretores, legislações, zoneamentos e pela infraestrutura que determina quem pode acessar recursos, mobilidade, segurança e outros bens coletivos.

Além disso, práticas como nomear lugares ou erguer monumentos funcionam como mecanismos de legitimação de determinados atores e de inscrição de narrativas sobre os territórios. No caso específico da narrativa pioneira valadarense, esses dispositivos contribuem para a construção de memórias públicas que naturalizam hierarquias sociais.

De outra maneira, a mídia tradicional de Governador Valadares pode-se caracterizar como um dos territórios que se constitui como território simbólico, cujas territorialidades são consequência da produção de significados e normas sociais na construção da realidade. De forma complexa e unificada, estas constituem multiterritorialidades (Haesbaert, 2007).

Desenvolvimento do tema:

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo de caráter documental e bibliográfico, de acordo com os passos metodológicos de Gil (2008). Esse procedimento visa extrair de documentos informações importantes a fim de observar o problema da pesquisa. Dessa forma, foi selecionado os documentos importantes para esta análise, como a fotografia das placas instaladas no “Memorial dos Pioneiros” no prédio do teatro Atiaia localizado no centro da cidade e noticiário do “Jornal da Cidade” que divulgou a cerimônia de inauguração do memorial em 20 de dezembro de 2024. Além disso, foram observadas as informações presentes no livro “Epopéia de Pioneiros” de Edmar Campelo Campos (2006), duas publicações do Diário do Rio Doce em formato impresso, sendo de 25 de novembro de 1990 e outra 7 de julho de 1991, tomando como exemplo, a figura de Gil Pacheco de Magalhães. Cabe ressaltar que as notícias impressas foram acessadas no museu da cidade que arquiva diferentes informações sobre a história oficial da cidade que, no entanto, não foi localizado conteúdo sobre as vivências LGBTQIAPN+.

A narrativa do pioneirismo e reforço do tradicionalismo midiático

Apontando para o contexto histórico-geográfico de Governador Valadares, a cidade do leste de Minas Gerais é territorializada por disputas territoriais características, que ao longo dos anos foram, inclusive, institucionalizadas. Conhecida inicialmente como Sertão do Rio Doce, a região passou por um longo processo de colonização principalmente pela exploração dos recursos naturais, como também pelos conflitos direto aos povos botocudos, hoje conhecidos como Krenak, construídos simbolicamente como inimigos pela coroa portuguesa e pela força coronelista. Ao longo do tempo, o modelo patriarcal e latifundiário foi se consolidando na cidade, criando relação de poder e subalternidade entre quem detinha o privilégio, como a posse de terras, em detrimento de trabalhadores, povos originários, pobres, sobretudo, mulheres (Genovez, 2019; Espindola, 2009; Oliveira, 2022; Santana, 2025). No contexto atual, a cidade possui resistências a pautas que apoiam mulheres, culturas populares, as juventudes, e sobretudo a comunidade LGBTQIAPN+.

O conceito de pioneirismo possui legitimação de mecanismos ideológicos e discursivos que atuam como forma de silenciamento de grupos minorizados. Esses recursos podem ser observados a partir de duas perspectivas: o conteúdo do discurso e as estratégias discursivas e políticas (ligadas às formas de perpetuação). Em primeiro momento, é interessante observar que o discurso do pioneirismo é caracterizado pela formação de identidade cultural, ao mesmo tempo que atua como organizador da representação. Dessa maneira, é uma narrativa política e histórica que impõe certas concepções de mundo social, valores e domínio (Andrade, 2009; Cordeiro, 2018; Vitorini, 2025).

De outra forma, o pioneirismo se firma na figura do pioneiro, por meio da exaltação do primeiro e a valorização do ineditismo (o primeiro fazendeiro, a primeira casa e os primeiros homens). Geralmente, as narrativas sobre os pioneiros dão ênfase às dificuldades e os desbravamentos das personalidades, como o enfrentamento de doenças, o ambiente hostil e o enfrentamento aos recursos ambientais “escassos”. A ideia, nesse sentido, é destacar que a quantidade das dificuldades atende a proporção do mérito e a honra por meio da superação. Por exemplo, o ato de colonizar se transforma no triunfo da fundação, esse rito de tomada de posse explica grande parte das criações das cidades

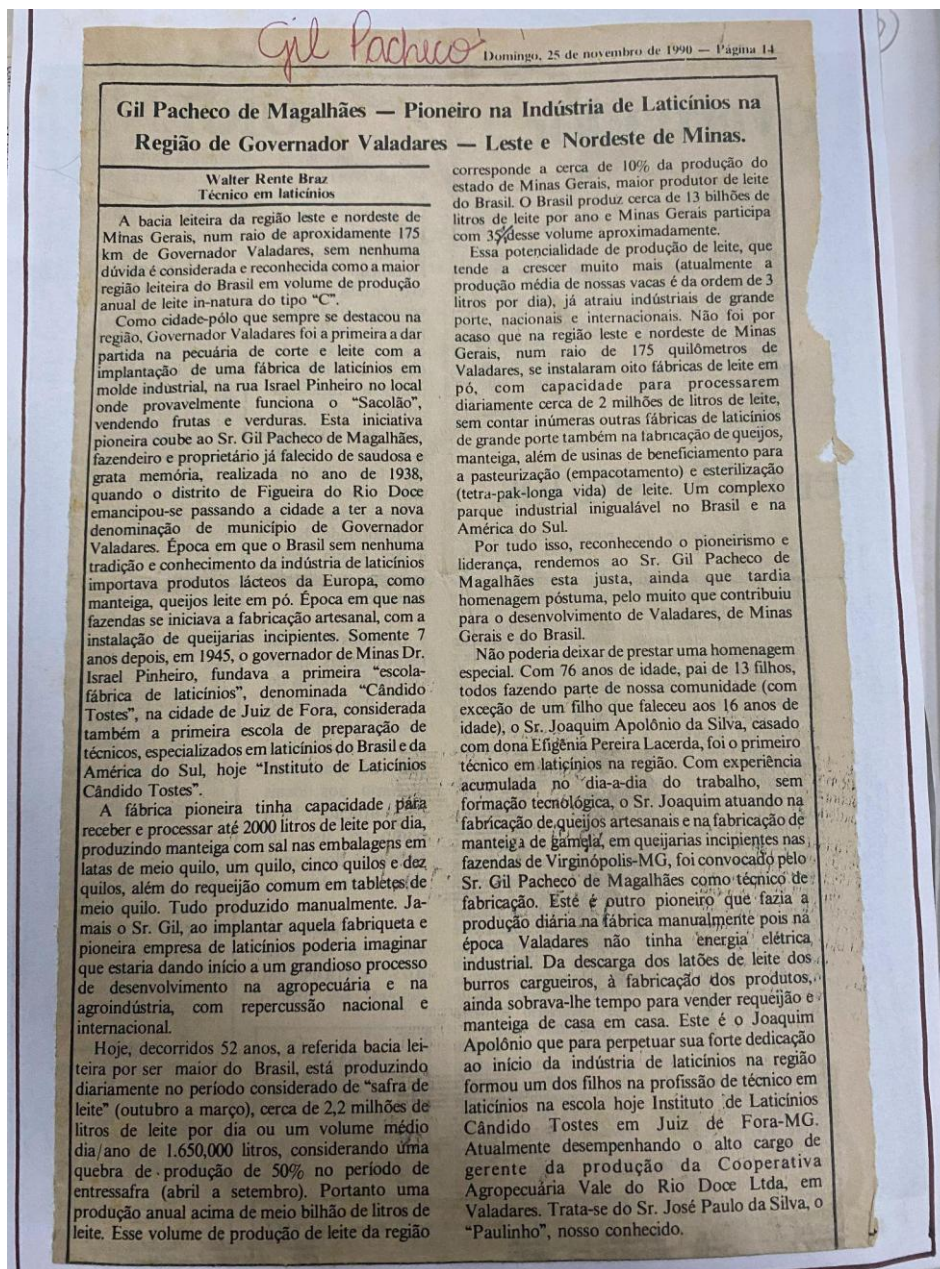
(Andrade, 2009; Cordeiro, 2018; Vitorini, 2025).

A figura do pioneiro é destacada como homens valentes e destemidos, detentores do ideário e herdeiros das valiosas expedições. Esses discursos, os limpa das características imbricadas, violentas e gananciosas, com ênfase no brilhantismo empreendedor e pela valentia. Dessa forma, acontece a associação das imagens do pioneiro ao progresso, a civilização e a modernidade. Essa construção identitária é relacionada ao “outro” pela relação de alteridade que determina a desqualificação em função do mérito, pela determinação de adjetivos como preguiçoso, atrasado, e outras, reforçando a hierarquia (Andrade, 2009; Cordeiro, 2018; Vitorini, 2025).

Essa narrativa ganha força pelo comando de atos que se tornam em memória oficial. Dessa forma, o pioneirismo fixa o conteúdo por meio das instituições em atos oficiais, como a nomeação de ruas, praças e lugares públicos em que serve como benefício ao ato histórico do pioneiro. Esses espaços são caracterizados como lugares de memória ou monumentos (Vitorini, 2025). Em Governador Valadares é possível identificar em determinados lugares, como a “Praça dos Pioneiros”, “Praça do Imigrante”, ruas do centro como “Euzébio Cabral” e o “Memorial dos Pioneiros” que será apresentado no próximo tópico.

A história da cidade é frequentemente contada sob a ótica do pioneirismo, atribuída a um grupo de homens — fazendeiros, coronéis, religiosos, militares e empresários — que, em determinado momento, foram reconhecidos como “pioneiros” na versão oficial da memória local. Nos documentos preservados no museu da cidade, como jornais impressos do Diário do Rio Doce destacam os “grandes feitos”, entre eles a inauguração ou aquisições de empresas de grande porte, além de pessoas ligadas diretamente a movimentação da economia municipal, como a inauguração de usina hidrelétrica localizada na região que hoje é conhecida como Baguari, distrito de Governador Valadares (Campelo, 2006; Espíndola, 2009).

No noticiário publicado em 25 de novembro de 1990, a figura de Gil Pacheco é exaltada no conteúdo (Imagem 01). No noticiário é possível identificar trechos-chave importantes na identificação do discurso de pioneirismo e omissão da contribuição coletiva na formação da história da cidade.



Fonte: Diário do Rio Doce, Museu da cidade (1990)

Pelo conteúdo apresentado na notícia de 1990, é possível identificar a intenção explícita de condecorar Gil Pacheco de Magalhães, apontado pelo texto jornalístico como pioneiro da cidade. Essa narrativa já se evidencia no próprio título: *“Gil Pacheco de Magalhães – Pioneiro na Indústria de Laticínios na Região de Governador Valadares – Leste e Nordeste de Minas”*. Como discutido anteriormente, a ideia de pioneirismo é construída a partir do efeito de ineditismo, neste caso associado à inauguração da empresa de produção leiteira.

No entanto, cabe problematizar: seria a construção de uma fábrica resultado do trabalho de um único indivíduo? A resposta tende a revelar que não. Com isso, torna-se perceptível que a participação coletiva, tanto da mão de obra quanto da comunidade que compõe a identidade local, é sistematicamente invisibilizada, reforçando uma narrativa que privilegia figuras individuais em

detrimento do esforço social mais amplo.

Esta iniciativa pioneira coube ao Sr. Gil Pacheco de Magalhães, fazendeiro e proprietário já falecido de saudosa e grata memória, realizada no ano de 1938, quando o distrito de Figueira do Rio Doce emancipou-se passando a cidade a ter a nova denominação de município de Governador Valadares. Época em que o Brasil sem nenhuma tradição e conhecimento da indústria de laticínios importava produtos lácteos da Europa, como manteiga, queijos e leite em pó. Época em que nas fazendas se iniciava a fabricação artesanal, com a instalação de queijarias incipientes (Braz, 1990, p.14).

Dessa forma, observa-se que o empresário detinha terras — um elemento recorrente na história oficial da cidade, que, conforme analisado por Oliveira (2023), privilegia em seus documentos institucionais a memória de figuras alinhadas ao sistema patriarcal agrário. Tal configuração histórica evidencia um cenário cisheteronormativo que, ao se perpetuar no presente, reforça o conservadorismo instituído pela narrativa hegemônica.

Outra dimensão dessa narrativa é a construção da imagem do pioneiro como um “grande lutador comunitário”, alguém que teria enfrentado a falta de energia elétrica na cidade para instalar e manter sua empresa. Esse discurso é permeado pela noção de desenvolvimento e progresso, ao mesmo tempo em que silencia a participação dos trabalhadores e demais moradores que também compuseram a história local, incluindo a própria construção da fábrica de leite. Dentre os grupos invisibilizados, destaca-se a comunidade LGBTQIAPN+ e as suas multiterritorialidades, ausentes nas narrativas dos noticiários.

Jamais o Sr. Gil, ao implantar aquela fabriqueta e pioneira empresa de laticínios, poderia imaginar que estaria dando início a um grandioso processo de desenvolvimento na agropecuária e na agroindústria, com repercussão nacional e internacional (Braz, 1990, p. 14).

O discurso que leva em consideração a figura do pioneiro, apresenta o desbravamento como feito triunfal, único e importante para o desenvolvimento regional, desconsiderando os privilégios de classe social e prestígio simbólico que figuras como essa carregam anterior aos seus feitos de grande repercussão na mídia tradicional. Na publicação do Diário do Rio Doce de 07 de denominada de “Memória - Gil Pacheco uma lição de vida” de 07 de julho de 1991 (Imagem 02) é possível identificar a exaltação individual em detrimento da ação comunitária, mesmo que ela esteja presente no discurso, enfatizando ainda mais o destaque individual.

AGENDA
3

Memória

Gil Pacheco - Uma lição de vida

Em menos de 100 anos, Governador Valadares, outrora Figueira do Rio Doce teve e ainda tem, se bem que em menor proporção, uma série de nomes que fizeram a história do lugar, através da contribuição e do trabalho prestados ao desenvolvimento do município, fazendo dele uma expressão em todo Vale do Rio Doce.

A caracterização de um nome, dentro do contexto histórico não se evidencia somente pelo trabalho que resulta em volume de bens, mas também pela ação em favor dos movimentos comunitários. Gil Pacheco de Magalhães se encaixa no seu trabalho que lhe rendeu muitas posses e sua atuação em favor da comunidade que escolheu para viver. Essa atuação foi preponderante durante o movimento emancipacionista e seu posicionamento contrário quando foi proposta a mudança do nome de Figueira para Governador Valadares.

Gil Pacheco de Magalhães nasceu em 13 de fevereiro de 1898, em Virgíniópolis. Com tendências para o comércio, iniciou ainda menino a vender em tabuleiro, nas ruas de sua cidade natal, verduras, doces, ovos e sabão produzidos na fazenda de seu pai. Rapaz, resolveu tentar a vida como braço direito, que era quem se dedicava ao comércio auxiliando de mercadorias as mãos variadas, usando como transporte o cargueiro. Através dessa atividade, Gil Pacheco conseguiu economizar algum dinheiro que lhe deu condições de adquirir um lote de burros, passando à profissão de tropeiro. Trabalhador e econômico, Gil Pacheco conseguiu logo em seguida adquirir mais um lote de burros melhorando suas possibilidades de transportar mercadorias como o café, feijão e toucinho, de Virgíniópolis à Santa Bárbara do Mato Dentro, atividade que manteve até 1918.

A partir daí passou a transportar café para Nogueira e Barto da Pedra, onde vendia os mercadorias à Malfa e Irmãos. Essa atividade foi mantida até os idos de 1921 quando se casou e passou a negociar gado, comprando-os em Virgíniópolis e vendendo-os à Malfa e Irmãos, em Nogueira.

Em 1921 transferiu residência para Figueira do Rio Doce, aqui chegando em abril, com a esposa Dona Maria Vieira Magalhães e dois filhos.

Aqui, dedicou-se ao comércio de café, instalando-se na Avenida Minas Gerais, num terreno baldio onde apenas existia um pequeno cômodo que lhe servia para depósito de sacaria e para guardar a balança. Aí o produto lhe chegava em lambos de burros, era depositado, pesado e ensacado no ar livre, que seguia em carroças para a Estação Ferroviária de Vitória Minas, então localizada onde hoje é a Praça do XX Aniversário. Em 1929 Gil Pacheco construiu nesse mesmo terreno um amplo armazém. Construído o armazém ele continuou com suas atividades, transformando-se no mais sólido comprador de café da região.

Em 1932, resolvendo mudar de ramo, Gil Pacheco transferiu o armazém de café para seu grande amigo Benjamim Rodrigues Coelho, abastado comerciante também oriundo de Virgíniópolis, onde como amigo, emprestou apoio a Gil Pacheco no início de suas atividades comerciais.

A partir de 32, Gil Pacheco dedicou-se às atividades de fazendeiro adquirindo uma gleba de terras devolutas e na maioria em moitas, que durante oito anos foram transformadas em fazenda para pastagem, com área de 372 alqueires. Assim ele adquiriu experiência nas atividades de fazendeiro, criador, recriador e comerciante de gado.

De espírito empreendedor, Gil Pacheco, em 42, volta a adquirir terrenos rurais, desta vez em Aimorés onde através de duas fazendas e através dos anos, totalizou 719 alqueires. Nessa mesma época também adquiriu a fazenda do Cristo do Preto. Além de sua incansável vida de fazendeiro que lhe exigiu esforços e dedicação, Gil Pacheco exerceu atividades ligadas ao comércio. Ele foi ao lado de Angelo Pagani fundador da firma Pacheco e Cia Ltda que comercializou produtos da Ford. Também em parceria com Angelo Pagani fundou a Casa Ibiturama, em 1942, estabelecimento que explorava o ramo de ferragens, materiais de construção e alimentos.

Além de todas essas atividades, Gil Pacheco foi tam-

bém concessionário do abate e fornecimento de carne para o município de Vila Velha, no Espírito Santo, durante o período de 32 a 42.

A FAMÍLIA
Em 24 de dezembro de 1921, Gil Pacheco de Magalhães casou-se com Maria Vieira Magalhães com quem formou uma família de sete filhos: Iva, Therezinha, Iva, Socorro, Joaquim, Guido e Gil Pacheco de Magalhães. Filhos, aos quais transmitiu alguns exemplos de caridade e bondade e sobretudo, dedicação e amor ao trabalho.

Demonstrando confiança e amor em seus descendentes a partir dos anos 60, o patriarca da família Pacheco Magalhães transferiu todas as propriedades rurais e urbanas a seus filhos, dando-lhes mais condições para também alcançarem mais progresso e bem-estar.


Mas Gil Pacheco não foi só um homem voltado para o trabalho. De formação cristã ele também se preocupou com a realidade social que o cercava. Assim participou ativamente, com doações e apoio, de praticamente todas as instituições filantrópicas e recreativas que até hoje desenvolvem um exemplar trabalho de assistência social aos mais necessitados.

Gil Pacheco foi um homem honrado, que com a força de seu trabalho e sua determinação muito contribuiu para que Governador Valadares seja a cidade que é. Desprezioso, jamais se interessou em vaidosamente divulgar uma vida de dedicação e bons propósitos. Fica mais um exemplo de dignidade e que se inscreve, definitivamente, nas páginas da história valadarensis servindo de exemplo às novas gerações e, principalmente, para aqueles que insistem em cruzar os braços diante das dificuldades.



D'TUDO

XEROX, PAPELARIA E PRESENTES



A única da Ilha que lhe oferece CÓPIAS XEROX. E pelo menor preço.

As melhores sugestões para presentes.

Material escolar completo.

RUA 12 Nº 249 - ILHA - FONE: 21.8368

Domingo, 7 de julho de 1991

Fonte: Leonardo Morais, DRD (1991)

Logo no início do texto, observa-se a presença ideológica do desenvolvimentismo e destaque pelo feito empresarial.

Em menos de 100 anos, Governador Valadares, outrora Figueira do Rio Doce teve o ainda tem, se bem que em menor proporção, uma série de nomes que fizeram a história do lugar, através da contribuição e do trabalho prestados ao desenvolvimento do município, fazendo dele uma expressão em todo Vale do Rio Doce (Morais, 1991, p.3).

O excerto: “Uma série de nomes que fizeram a história do lugar, através da contribuição e do trabalho prestados ao desenvolvimento do município” (Morais, 1991, p. 3) revela uma concepção tradicional de história. Ao condensar a história da cidade em “nomes”, em quantidade menor, em particular, empresários, líderes políticos e figuras de prestígio, silencia a participação de

outros grupos que diante da narrativa hegemônica, tornam-se minorizados.

Memorial dos Pioneiros como dispositivo de poder e reforço simbólico

No dia 20 de dezembro de 2024, a Prefeitura de Governador Valadares inaugurou, no Teatro da cidade, o “Memorial dos Pioneiros”. A homenagem apresenta uma fachada com cerca de 20 personalidades locais, entre elas: Dona Zulmira, Irmã Efigênia, Milton Amado, Otávio de Souza, padre Eulálio Lafuente, Satulano de Moraes, Soares da Cunha, Silva Monteiro de Castro, Sotero Inácio Ramos, Arnóbio Pitanga, Artur Foratini, coronel Altino Machado d’Oliveira, coronel Pedro Ferreira dos Santos, Dilermando Rodrigues de Melo, Euzébio Cabral, Gil Pacheco de Magalhães, Hermírio Gomes da Silva, Ivo de Tassis, José Serra Lima e Mário Rocha e Silva (Jornal da Cidade, 2020). O evento contou com a presença de familiares dos pioneiros, como netos e bisnetos. A escolha desses pioneiros para serem homenageados, de acordo com o Secretaria Municipal de Comunicação (Governador Valadares, 2024), foi feita por personalidades locais como Maria Cinira dos Santos Netto, presidente da Academia Valadarense de Letras, a professora Marília Deslandes e o jornalista Tim Filho.

Nas figuras seguintes é possível observar as placas.

Imagem 03 - Placas do Memorial





Fonte: Retiradas pela autoria (2025)

Entretanto, nota-se que essa construção simbólica de homenagem exclui pessoas de origem popular, representantes dos povos indígenas Krenak, trabalhadores rurais e membros da comunidade LGBTQIAPN+. Entre os nomes presentes no memorial — em sua maioria homens — figuram apenas duas mulheres: Irmã Efigênia (religiosa) e Dona Zulmira, conhecida popularmente como a “mãe dos pobres” e lembrada por sua atuação de caridade na cidade, sobretudo durante os períodos de endemias. Além disso, Dona Zulmira (Imagem 04) é a única pessoa negra amplamente reconhecida entre os homenageados. Assim, o memorial reflete uma simbologia marcada pela força política local, pautada no tradicionalismo e no apagamento de memórias das multiterritorialidades dissidentes, em especial as ligadas à comunidade LGBTQIAPN+.

Imagem 04 - Dona Zulmira



Fonte: Pagú (2016)

Entretanto, observa-se um contraste significativo entre o número reduzido de pessoas presente no memorial e a quantidade de indivíduos considerados, por outras fontes, como os primeiros residentes da cidade. Campos (2006), por exemplo, lista mais de duas mil pessoas classificadas como pioneiras na obra *Epopéia de Pioneiros*, o que permite questionar os critérios utilizados pelos representantes locais para a seleção dos nomes que compõem o memorial. Essa discrepância evidencia a manutenção de uma narrativa seletiva, que privilegia determinados sujeitos em detrimento de outros. Assim, confirma-se a invisibilização de diversas famílias e grupos sociais que também viveram, contribuíram e participaram da constituição da cidade.

No contexto Valadarense é provável que pessoas LGBTQIA+ tenham trabalhado no comércio, na vida cultural, nos serviços e em redes comunitárias; tenham contribuído para a sociabilidade e para o dinamismo urbano, mesmo que em espaços não oficiais ou informatizados; tenham enfrentado forte moralismo religioso e social, o que tornava suas existências invisíveis nos registros públicos e midiáticos.

Considerações finais:

A análise revela que a memória oficial de Governador Valadares,

construída pela mídia e reforçada pelo Memorial dos Pioneiros, privilegia narrativas tradicionais ligadas ao poder econômico, patriarcal e cisheteronormativo. Essa seleção simbólica reforça a invisibilização de populações subalternizadas, como indígenas, negros, trabalhadores rurais e sujeitos LGBTQIAPN+, que também fazem parte da formação social e cultural da cidade. Portanto, compreender e problematizar esse processo é fundamental para propor uma leitura contra-hegemônica da história local, capaz de valorizar as multiterritorialidades e ampliar o reconhecimento da diversidade de sujeitos que constituem o território.

Referências

ALMEIDA, Raul Gomes de; SANTOS, Manoel Antônio dos. Políticas afetivo-sexuais na cisheteronormatividade: resistências e estratégias de bem viver de uma mulher transexual. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 1-11, 14 jan. 2025.

ANDRADE, Alexsander Marques. O discurso do pioneirismo e suas representações: Tangará da Serra, MT (1976-1997). 2009. 164 f. **Dissertação** (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 53, e185306, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200406&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 abril 2019. Epub June 11, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530006>.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 22. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018. 288 p.

CORDEIRO, Manuela Souza Siqueira. Pioneiros, fundadores e aventureiros: a ocupação de terras em rondônia. **Antropologia**, Boa Vista, v. 61, n. 1, p. 125-146, abr. 2018.

COSTA, Edmar Campelo. **Epopéia de Pioneiros: a história de Governador Valadares**. 2. ed. Governador Valadares: Univale, 2006. 513 p.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Associação comercial de Governador Valadares: 60 anos de história**. Governador Valadares: Univale, 1999. 198 p.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. Valadares 84 anos: um breve registro sobre a nossa história. **Jornal da Cidade**. Ano 2. n. 113. Governador Valadares, 2022. p. 16-17.

GENOVEZ, Patricia Falco. **MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE GOVERNADOR VALADARES (1910-2019): sua formação territorial e o parque municipal figueira do rio doce**. Governador Valadares: Univale Editora, 2019. 121 p.

GENOVEZ, P. F., & SANTANA, G. B. (2025). Memória, Território e Ancestralidade Krenak: a defesa dos direitos dos povos indígenas e os esforços da Organização dos Estados Americanos (OEA). **Revista De Historia De América**, (171), 207–234. <https://doi.org/10.35424/rha.171.2025.5957>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GUAZINA, Liziane. O CONCEITO DE MÍDIA NA COMUNICAÇÃO E NA CIÊNCIA POLÍTICA: desafios interdisciplinares. **Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 49-64, jul. 2007.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidades: um debate. **Geographia**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 19-46, set. 2007.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na américa latina. Rio de Janeiro: Uff, 2021. 396 p.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, p. 24, 2016.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento** – A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.

KELLNER, Douglas. **Cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001. 454 p.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; VENTURA, Gabriel da Cruz; RODRIGUES, Suely Maria. Queimem a bruxa!": Butler e aqueles que têm medo de gênero. Resenha. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 72, p. 1-7, e27919, jan./mar., 2025. Resenha da obra de BUTLER, Judith. Quem tem medo do gênero? São Paulo: Boitempo, 2024. 272. <https://doi.org/10.5585/2025.27919>

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **'Prazer, maricona'**: multiterritorialidades de homens gays envelhecetes em Governador Valadares.2022. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2022.

OLIVEIRA, Renata Greco. **Conflitos sobre as questões de gênero no currículo escolar: o caso da cidade de Governador Valadares (MG)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2023.

PAGÔ, Gina. **Vida de Dona Zulmira vira livro**. 2016. Disponível em: <https://ginapagublog.wordpress.com/2016/01/28/vida-de-dona-zulmira-vira-livro/>. Acesso em: 25 out. 2025.

SOUSA, Pablo Felipe de Oliveira. **CORPOS DISSIDENTES EM UMA SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA**: um estudo da cultura ballroom. 2023. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Produção e Política Social, Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2023. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riiu/8158>. Acesso em: 14 jun. 2023.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **MTRIZes**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 17-44, 2018.

Vitorini, Rosilene Alves da Silva. O pioneirismo em Santa Sariana – PR: uma proposta de análise das relações patriarcais. 2025. 112f. **Tese** (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2025.